

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-

XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(continuação)

XLIX

Se eu fosse rica, tu pobre,
Eu fidalga, tu ninguém,
Nada d'isso era bastante
P'ra deixar de q'rer-te bem.

L

Eu não duvido de amar,
No mundo, alguém com fé.
Minha sorte está talhada...
Mas contigo, amor, não é.

LI

Oh vida da minha vida,
Oh vida mal arranjada!
Todos arranjam a vida...
Só eu não arranjo nada!

LII

Quero cantar mas não posso,
Falta-me a respiração.
—Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração!

LIII

Senhor noivo: eu lhe peço,
Eu lhe torno a pedir,
Que não trate a noiva mal
Nem a leve p'r'ó Brazil.

LIV

Olha a noiva s'está séria,
Assentada na cadeira!
Deixa pae e deixa mãe,
Deixa o estado de solteira.

LV

Viva quem vae na estrada,
Mais quem na estrada caminha.
Viva o noivo, viva a noiva,
Mais a senhora madrinha.

LVI

O só quando nasce
Vem deitando fitas.
As moças bonitas
São par'os artistas.

LVII

O só quando nasce
Deita diamantes.
As moças bonitas
São p'r'ós estudantes.

LVIII

O sol quando nasce
Vae par'os *alquêves*.
As moças bonitas
São p'r'ós almoceves.

LIX

O sol quando nasce
Vem pelos oiteiros.
As moças bonitas
São par'os caixeiros.

LX

O' Antonio, cravo roxo,
Não venhas ao meu quintal;
Querem-te atirar um tiro:
Não te posso vêr matar.

LXI

O' Antonio, bago d'oiro,
Cravo da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos,
Onde o meu pensamento anda.

LXII

Oh meu amor pequenino,
Quanto tenho te dareil
Dou-te a luz dos meus olhos,
Cega por ti ficarei.

LXIII

O meu amor, coitadinho,
Já não gosta de me vêr!
Passa por mim, fecha os olhos...
Faz-se cego sem o ser.

LXIV

O' amor, segue o caminho,
Não o deixes criar erva.
Quem tem amores ao longo
Nem um instante socega.

LXV

O meu lindo amor
E' um *aldeano*.
Ai! que lindos olhos
Que tem o tyrannol

LXVI

Oh meu lindo amor!
Quiz-te amar, não pude.
D'outra vez será...
Tomára eu saude!

LXVII

—O' meu amor d'algum dia,
Inda nós nos q'remos bem?—
—Essa pergunta está bôa!
Isso duvida-o alguém?!—

LXVIII

Teus olhos d'amóra prata!
Teu rosto d'amendoa branca!
Como te hei-de eu deixar
Se esse teu rosto me encanta?!

LXIX

O' meu amor, meu amor,
Quando has-de tu me esquecer?
Quando eu não tiver vida
Nem olhos para te vêr!

LXX

Os olhos do meu amor
São bonitos, benza-os Deus;
Não lhes quero dar quebranto,
Não sei se virão ser meus.

LXXI

Olhos que não vêem olhos
Senão de mezes a mezes,
Como estarão descejosos
Vendo-se tão poucas vezes!

LXXII

O cravo depois de secco
Significa amor perdido.
In ta que queira, não posso
Tirar de ti o sentido.

LXXIII

Os teus olhos são tão pretos...
E' uma noite cerradal
Mesmo assim com elles pretos,
Sem elles não vejo nada.

LXXIV

Amor de soldado,
Amor d'uma hora;
Lá se rufa a caixa...
—Adeus, vou-me embora!

LXXV

Amores ao pé da porta
E' que eu desejava ter:
Inda que lhe não fallasse,
Os olhos gostam de vêr.

LXXVI

Amor: se possível fosse
Viver sem ter coração,
Eu arrancaria o meu
Para não sentir paixão!

LXXVII

«Amores ao longe esquecem»
Me disseste tu a mim,
Só se tu de mim te esqueces,
Eu não me esqueço de ti.

LXXVIII

Amor com amor se paga.
Porque não pagas, amor?
Olha que Deus não perdôa
A quem é máo pagador.

LXXIX

Amor com amor se paga.
Isto è lei, não è favôr.
Não me faltes á justiça:
Paga-me amor com amor.

LXXX

Eu quero bem a um nome,
Mas a letra não a digo;
Não quero que ninguem saiba
Por quem morro ou por quem vivo.

LXXXI

Manoel, por vêr as moças,
Fez uma ponte de prata:
As moças não vão á ponte:
Chora Manoel que se mata.

LXXXII

Cuidarão certos sujeitos,
Que é um copo d'agoa fria
Deshonrar uma donzella,
Tirar-lhe a sua valia.

LXXXIII

Depois d'esta vida, ha outra
Vida que dura p'ra sempre.
Quem me dera já vivêr
Contigo e a tua gente.

LXXXIV

Dize lá porque razão
Não fallas ao teu amor?
Tendo tu obrigação
De fallar seja a quem fôr.

LXXXV

Tu invéjas e desejas
Algum bem que não è teu;
Inda não estás contente
Co'a sorte que Deus te deu.

LXXXVI

Se o bem-querer se pesasse
Na balança da razão,
Pesava o meu mais que o teu,
Correntes até ao chão.

LXXXVII

Dizem que os padres não podem
Namorar. Oh! Essa è bôa!
Se elles teem coração,
Que importa que tenham c'rôa?!

LXXXVIII

Linda flôr è o loireiro
Que nasce pelos quintaes.
As filhas dos sacerdotes
Chamam—padrinhos—aos paes.

LXXXIX

Tenho de ti saudades,
Meu amor, venho-te vêr.
Acceita-me esta visita,
Que olla è de agradecer.

LXL

Coração que adora a dois,
Algum ha-de amar em falso.

Ha-de ter muito que vêr
Duas pombinhas n'um laço!

LXLI

Eu q'ria-te amar,
Mas tu não quizoste...
Eu não tive a culpa,
Tu è que a tiveste.

LXLII

Se o bem-querer è inferno,
Ai de mim que estou perdida!
Vac-se o verão, vem o inverno,
E eu no bem-querer mettida.

LXLIII

Amor que tão caro custas,
Inda te eu hei-de deixar!
Que eu não posso, a cada instante,
Viver e rosucitar.

LXLIV

O' amor desconfiado,
Inda te hei-de dar a vêr:
Nem devéras, nem zombando,
Sou capaz de te offender.

LXLV

E's do ceu brilhante ostrella,
E's da terra a luz do dia;
E's minh'alma, és minha vida,
E's a minha sympathia.

LXLVI

Dois oppostos sentimentos
Combatem meu coração:
Um diz que triumphe o amor,
Outro, que vença a razão.

LXLVII

Eu ausente e tu ausente,
Eu de ti e tu de mim;
Tu ausente d'uma rosa,
Eu ausente d'um jasmim.

LXLVIII

Eu tenho á minha janella
O que tu não tens á tua:
Um vaso de violetas
Que dá cheiro a toda a rua.

LXLIX

Quando eu era perpétua
Que estava no meu craveiro,
Já tu me andavas de rôda
Para ser meu jardineiro.

C

Jurei não amar, e amo;
Já foi grande sympathia!
Os teus olhos me fizeram
Quebrar juras que eu fazia.

CI

Eu te deixo, tu me deixas,
Ficámos á bella paz;
Tu tens outra rapariga
E eu tenho outro rapaz.

CII

O sól quando nasce inclina
A's pedras do meu anel.

Tambem eu vivo inclinada
Ao coração de Manuel.

CIII

O sól quando quer nascer
Deita raios ao comprido.
Tambem eu, para te vêr,
Dou mil voltas ao sentido.

CIV

Empenhou-se a natureza
Em tudo seres formosa.
Igual á tua pessoa
Eu creio que não ha rosa.

CV

Tenho fé nos olhos tristes,
Que me revelam paixão.
Namora-me o teu sorriso,
Que me não dá *sim* nem *não*.

CVI

O' correio do sentido,
Traz-me novas d'um ausente;
Não me tragas novas tristes!
Novas tristes tenho eu sempre.

CVII

D'aquellas bandas do norte
Uma silva mo prendeu;
Prendeu-me d'uma tal sorte,
Que eu sou tua, tu és meu.

CVIII

Amor: se não era
De vontade tua,
Porque me não punhas
No andar da rua?

CIX

Amor: se não era
Da tua vontade,
Para que me davas
Tanta liberdade?

CX

«Raminho do bem-querer»
Me chamaste; amor meu.
E eu logo te respondi:
«O teu bem-querer sou eu».

CXI

Se eu tenão quizesse bem,
A' tua casa não ia;
Passos por ti não os dava,
Excessos não os fazia.

CXII

Oliveira pequenina
Cargadinha d'algodão.
Moças, pesadas a oiro,
E moços, a lan de cão.

CXIII

Oliveira pequenina
Cargadinha d'algodão.
Quando nasceram os homens,
Nasceu toda a maldição.

CXIV

Ingrato! Permitta o ceu
Que eu te chegue a ti a vêr

No açougue, feito em quartos,
Aos arrateis a vender.

CXV

Calem-se ahí os meus netos,
Deixem cantar o avô,
Para vêr se ainda canta
Como algum dia cantou.

CXVI

Nem a candeia dá luz,
Nem para mim amambece;
Nem a agoa me mata a séde,
Nem o meu amor me esqueço.

CXVII

Dormindo estava sonhando
Contigo, minha lindeza!
Acordei, achei-me só...
Em sonhos não ha firmeza!

CXVIII

A' noite quando me deito
Na cama p'ra descançar,
O sonho de mim se ausenta,
Em ti me ponho a pensar.

(Continúa)



FOLK-LORE PORTUGUEZ

—*—

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. 16. vol. XIII)

2000

Amores ao pé da porta
Ninguem os queira tomar;
São como os pintos d'inverno,
Quo andam sempre a piar.

2001

Lá cima n'aquella serra,
Ouvi dar ais e escutei;
E'ra a minha mocidade,
Que eu tão mal a empreguei,

2002

O' noites de primavera,
Quem as pudera gozar;
Juntinho da minha amada
Prós seus olhos adorar.

2003

Já hoje bebi um caldo,
Da verdura da ortiga;

Ninguem falará de mim,
Senão quem tem que me diga.

2004

Senhora Santa Eulalia
Devóta dos seusromeiros,
Mal empregada Senhora,
Em terra de carvoeiros.

2005

As moças de S. Vicente,
Todas postas em montão
As mais d'ellas ordenhadas
Fazem um grande alavão.

2006

Não me fales na Canada
Que me dá grande paixão,
Fala-me na Canadinha
Da rua de S. João.

2007

Rua da Costanilha,
Calçadinha mal segura,
Quando o men bom ali passa
Não ha pedra que não bulla.

2008

Tenho dentro do meu poito
Botica e boticario;
Para to dár um remedio
Quando te fôr necessario.

2009

No meio do Guadiana,
Está uma pedra lavrada,
Onde vae o meu bem dormir
O somno da madrugada.

(Continúa)



Philosophia popular

Pergunta á tua bolsa o que pôde
comprar.

Um bom exemplo é o melhor
sermão.

As sedas e setins apagam o lu-
me na cozinha.

Quem tudo quer vingar, cedo
quer acabar.

A quem má fama tem, nem acom-
panhes, nem digas bem.

Quem fez mal espere outro tal.
Mulher palheira diz de todos e
todos d'ella.

Não te fies em cén estrellado,
nem no amigo reconciliado,